

PRIMEIRO QUADRO

Sentado, as pernas cruzadas, uma das mãos no bolso e a outra a brincar com o lápis, Giovanni Fazio observa os passos, para diante e para trás, dum casal de ingleses. Ele — chamar-te-ás John, decidiu — recuara dois ou três metros, e ela — Mary — dirigia-se devagar para os degraus do palácio, sob o olhar indiferente da estátua de David. Encostou-se ao pedestal, tirou o lenço da cabeça e olha para o marido. Este baixa-se um pouco, aponta demoradamente a máquina e dispara por fim.

Mary virara-se outra vez de costas e Giovanni quis adivinhar-lhe a direcção dos olhos, acompanhá-los depois no voo extasiado que terminava na torre do Palazzo Vecchio. Mas o marido gritara qualquer coisa interrogativa, ela deu meia-volta e viu John, que agitava um braço e abria e fechava a boca. Dizendo o quê? E Mary aproximou-se novamente de David, regressando o marido à posição anterior, a máquina preparada. «Talvez o primeiro retrato fique melhor do que o segundo», murmura Giovanni, como se fosse ele o fotógrafo.

Depois as situações inverteram-se: o marido posou então para a imortalidade. «Em Florença» — dirá aos amigos, de regresso a Londres, e indicando a fotografia. «Ah!» — exclamarão eles, amavelmente.

Porquê? Porquê? O desejo insensato de falar com aqueles desconhecidos. Desconhecidos e talvez ridículos, assim, a tirar

fotografias! E enquanto bebe o café escaldante, continua a perseguir-los com o olhar.

«Foi aqui que queimaram Savonarola» — estará John a dizer. E pensa: «Estas foram as últimas imagens do Savonarola quando o fumo já subia e o ar quente ondulava as casas.»

Fazio deixou um livro em cima da mesa, a marcar o lugar, aproxima-se deles. Não que tenha a intenção de conversar (o seu pouco domínio do inglês paralisa-o), desejava apenas que o vissem. Porquê? A princípio não percebeu. Queria que eles o vissem, queria sentir-se visto, observado.

Mary e John estavam agora na Loggia dei Lanzi, haviam-se sentado a descansar. Ela não era bonita, a boca parecia rasgada. E ele: demasiado magro, demasiado alto, demasiado branco.

Giovanni aproximou-se, tossiu propositadamente para lhes atrair a atenção e deu-se o milagre: Mary e John descobriram-no. E Giovanni compreendeu: era o desejo de sentir uns olhos habituados à liberdade poisarem no seu corpo de escravo. Como se as pupilas que todos os dias o viam o esmagassem: pupilas de escravos, pupilas de homens que temiam dizer o que pensavam — homens mutilados. Mas aqueles olhos frescos e espontâneos e azuis...

Desviou com desagrado a vista do *Rapto das Sabinas* e lentamente desceu as escadas, procurando no chão o movimento veloz da sombra de uma nuvem. Estranha coisa: levantara-se cedo sem sombra de uma nuvem no espírito e, enquanto fazia horas para o encontro com Domenico, fora até à margem do rio, ficou muito tempo a ver dois miúdos a pescar.

Sente o coração apertado; foram aqueles ingleses que lho apertaram. Eles, que tudo ignoram, eles, que comiam laranjas, silenciosamente.

De novo sentado em frente do livro aberto, cruza as pernas, mete no bolso uma das mãos e pega no lápis com a outra.

— Chegaste há muito tempo? — pergunta Domenico Villani, puxando uma cadeira, recostando-se depois.

Fazio não respondeu. Procurava os fósforos nas algibeiras do casaco e, não os encontrando, desistiu, meteu outra vez o cigarro na cigarreira.

— Que fizeste ontem à noite? — pergunta.

— Nada. Fiquei em casa. Abri um livro, mas acabei por me deitar. E tu?

Fazio desviou os olhos do casaco azul, já coçado, do amigo, folheou sem grande atenção um jornal. As notícias do estrangeiro: Chamberlain dirigindo-se a Mussolini no banquete do Palácio de Veneza: «É um prazer observar esta Itália poderosa e progressiva que surgiu sob a direcção e inspiração de Vossa Excelência», as tropas nacionalistas a setenta quilómetros de Barcelona. As notícias do país: Alguns guerrilheiros mortos na Abissínia, a inauguração dum quartel, um discurso, uma frase: «A igualdade perante a lei é concedida a todos aqueles que ajudem a causa nacional e não recusem a sua colaboração ao Estado.» Não estivesse a frase sublinhada por Domenico, e Giovanni não teria dado por ela.

— Ainda tens paciência para ler estes discursos?

— Ainda — Domenico respondia sempre, mesmo que fosse apenas em aparência, a todas as perguntas. — Divirto-me. E, depois, a ler a notícia da enorme repercussão que tiveram no estrangeiro...

— Como se o estrangeiro estivesse sempre de cócoras à espera das sentenças do nosso grande homem...

— Umas bestas.

— Sim — disse Fazio, tirando distraidamente um cigarro da carteira —, com alguma coisa nos havemos de divertir, agora que perdemos a coragem, agora que nos desinteressámos.

Domenico ficou uns instantes a pensar. Esteve quase a responder, mas fechou a boca às palavras. «Bonita», murmura, segundos depois, a propósito duma rapariga, enquanto Fazio continua a folhear o jornal. «Não tens fósforos», diz, simultaneamente perguntando e respondendo. Os cinemas. Nada que valesse a pena.

— Desinteressados — insistiu, desistindo finalmente da leitura.
— Desinteressados... — pausa. — Que idade tens, Domenico? Vinte e seis, não é? Vinte e oito, eu. A metade da vida. E nada fizemos. Também já não temos tempo para nada...

— Nisso, como em tudo o mais, *ele* venceu. Nada fizemos, nada faremos.

— Pois, pois. Nada pensamos fazer. Perdemos a mocidade e agora já nada podemos fazer, estamos terminados... — tem uma hesitação. — Pelo menos é o que penso neste momento.

Perto, o casal de ingleses examinava as mesas, indeciso. Sentar-se-iam? Aproximaram-se, acabaram por mudar de ideias.

Domenico não dava por eles — mesmo que desse por eles, seria como se não desse por eles. Mas Fazio não os perdia de vista. «Tiraram-me a boa disposição», pensava. «Eis-me aqui a tecer considerações cépticas só porque vos vi, só porque vocês vêm de um país onde chove e o nevoeiro entra pelos olhos dentro, pela boca, pelas orelhas.»

Sem querer, tinha os olhos postos no palácio. Um país onde isto não existe. Sim, sem Santa Maria Novella, sem Masaccio, sem sol. «Um país onde eu desejaria ter nascido, ter sido jovem. Um país onde também não teria sido ninguém, mas *apenas* porque não sou ninguém.»

Domenico:

— E o Soldati?

— Estive ontem com ele.

— Tem aparecido pouco nestes últimos tempos.

— Muito trabalho, creio.

Os ingleses desapareciam na direcção de Orsanmichele: Giovanni recordou a boca rasgada, quase agressiva, de Mary, o vestido azul. Trocou os papéis: imaginou-se John, imaginou-se a viajar, imaginou-se livre.

— Às vezes pergunto a mim próprio — começou Domenico — que é que nos mantém assim firmes, assim incorruptíveis...?

Fazio não respondeu.

— Quero dizer — prosseguiu Domenico —, passamos a vida a abdicar de tantas coisas e politicamente ainda não abdicámos da nossa honestidade. Pelo menos directa, activamente, recusamos colaborar com o fascismo, perdendo assim certas vantagens pessoais. Não creio na imortalidade da alma. Sei que estou à espera da morte, da morte completa, absoluta. Porque não me vendo, então, para aproveitar a vida? És capaz de me dizer?

Reparando num homem alto e de bigode que acabara de puxar por uma caixa de fósforos, Fazio levantou-se com um cigarro entre os dedos. «Por favor», disse. «Por quem é!» Regressando ao seu lugar, respondeu:

— Nem sei — falava sacudidamente, pontuando as frases com os nós dos dedos no tampo da mesa. — Porque, afinal, se já não combatemos, se estamos na situação de reforma voluntária, se somos homens sem fibra, homens que desistiram, porque é que resistimos, ou melhor: para homens como nós, que é que significa resistir?

— Há uma coisa que ele ainda não conseguiu tirar-nos, penso: a consciência.

— Erro, Domenico — desviara os olhos. — Se ele não nos tivesse roubado a consciência, estaríamos todos de armas na mão ou na cadeia...

Por fim, encara bem de frente Domenico.

— Se aqui estamos a tomar café e a conversar, é porque não temos consciência. Enganámo-la com meia dúzia de palavras ditas em voz baixa num tom de indignação. E até isso é fácil. Isso, não; isto, esta conversa...

Domenico pegou no jornal, enrolou-o e espreitou através dele como se fosse um óculo. Metido, assim, naquele cilindro, um cão corria de cá para lá e de lá para cá.

— Então porque é que resistimos a colaborar? — pergunta, continuando a perseguir o cão. — Por causa de nós próprios ou do

que pensarão os outros? — desfez o óculo, esquece o cão. — Não é espantoso que homens que não crêem na imortalidade se deixem morrer em nome de princípios? — insistiu. Permanece uns momentos a pensar. — Não será o orgulho? Honestos por orgulho, Giovanni.

Refizera o óculo; ignorante, o cão continuava a correr, de um lado para o outro, metido dentro dum cilindro.